



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

## **A recepção dos discursos do Memorial da Resistência de São Paulo: sentidos sobre os governos autoritários do Brasil republicano<sup>1</sup>**

**Felipe Correa de Mello<sup>2</sup>**

**Escola Superior de Propaganda e Marketing (SP)**

### **Resumo**

Este artigo nasce do desdobramento da tese doutoral que se propôs a compreender o processo de recepção do discurso do Memorial da Resistência de São Paulo por parte de professores (as) e alunos (as) do nono ano do Ensino Fundamental II e do terceiro ano do Ensino Médio. Defendemos que essa instituição museológica se constitui como um meio de comunicação ao fazer uma edição da realidade e participar da (re) produção dos sentidos sociais sobre os governos autoritários de nossa história republicana. Na primeira parte deste artigo fazemos uma breve apresentação da recepção do discurso do Memorial, por parte de alunos e professores, à luz do modelo proposto por Stuart Hall no clássico artigo “Codificação/Decodificação. Em seguida, apresentamos as produções de sentidos por a partir de um conjunto de categorias acerca dos governos autoritários no Brasil republicano que identificamos nesse processo de recepção.

**Palavras-chave:** comunicação e educação; comunicação museológica; recepção; ditadura civil-militar; codificação/decodificação

### **Introdução**

Este artigo nasce do desdobramento da tese doutoral que se propôs a compreender o processo de recepção do discurso do Memorial da Resistência de São Paulo por parte de professores (as) e alunos (as) do nono ano do Ensino Fundamental II e do terceiro ano do Ensino Médio.

Fundado em 2009 e localizado no centro da cidade de São Paulo, o Memorial da Resistência de São Paulo é uma instituição museológica voltada para a pesquisa, salvaguarda e comunicação das memórias e narrativas históricas da resistência, do controle e da repressão durante o Brasil

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação, Educação e Consumo” do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> doutor em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM,) mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É pesquisador do grupo CNPq “Comunicação, Educação e Consumo” do PPGCOM-ESPM. felipeccmello79@hotmail.com



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Republicano, privilegiando as narrativas e memórias sobre a Era Vargas (1930-1945) e a ditadura civil-militar (1964-1985).

A partir dos referenciais teóricos dos Estudos de Recepção Latino-Americanos, dos Estudos Culturais Britânicos e da Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF), postulamos que o Memorial da Resistência de São Paulo é um meio de comunicação que incide no desenho e redesenho dos sentidos sociais acerca dos governos autoritários durante a história republicana brasileira.

Nossa concepção de comunicação envolve uma concepção mais ampla de cultura abarcando o “conjunto de relações sociais que incluem atores, instituições e empresas, públicas ou privadas, que se volta para a produção e circulação de bens simbólicos” (BACCEGA, 2009, p. 24). Pensamos a comunicação a partir da cultura e não tão somente como uma questão dos meios e de suas dimensões técnicas.

Ao compreendermos a cultura como uma arena de lutas, damos conta de duas dimensões que estamos especialmente interessados em contemplar em nossa pesquisa: a questão da produção de sentidos e a questão do poder articulado às produções simbólicas — a questão sobre os discursos sobre a ditadura civil-militar e o papel que o Memorial desempenha, na sociedade civil, ao produzir discursos que são em grande medida silenciados e esquecidos pelos meios de comunicação hegemônicos e o campo escolar.

Nesse contexto, tomamos a linguagem como porta de entrada para a compreensão das práticas comunicacionais. Nossa concepção de comunicação envolve contemplar o papel constitutivo e constituinte da linguagem — e de sua outra face, a cultura— nas práticas e na existência humana.

Nossa pesquisa envolveu a análise comparativa de entre dois pares analíticos por nós construídos. O primeiro par analítico contemplou as turmas de nono ano do Ensino Fundamental II de uma escola particular, situada na Vila Olímpia, bairro nobre da cidade de São Paulo, e uma escola pública, situada no Jaguaré, bairro periférico da cidade de São Paulo. Nesse par foi possível acompanharmos, enquanto observadores, a visita das turmas das duas escolas ao Memorial da Resistência e as aulas posteriores à visita, nas quais foram trabalhados temas relativos ao Memorial da Resistência e à ditadura civil-militar.

O segundo par analítico abarca as turmas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular, situada em Perdizes, bairro nobre da cidade de São Paulo, e uma escola pública, situada em



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Perus, bairro periférico da cidade de São Paulo. Nesse par, realizamos uma pesquisa de recepção provocada de três vídeos curtos do Memorial da Resistência, disponibilizados na página YouTube da instituição. Esse processo de recepção foi realizado, num primeiro momento, junto a cada professor de história de cada escola e, num segundo momento, junto a um grupo focal de alunos, em cada escola. Os alunos que participaram do grupo focal se voluntariaram a participar da pesquisa após exposição desta, por parte do pesquisador em colaboração com cada professor.

Na primeira parte deste artigo fazemos uma breve apresentação da recepção do discurso do Memorial por parte de alunos e professores à luz do modelo proposto por Stuart Hall no clássico artigo “Codificação/Decodificação” (2011 [1973]). Em seguida, apresentamos as produções de sentidos por a partir de um conjunto de categorias acerca dos governos autoritários no Brasil republicano que identificamos nesse processo de recepção.

## **1. Leituras preferenciais e leituras negociadas**

Compreendemos que o discurso expositivo do Memorial da Resistência de São Paulo é constituído como um discurso contra hegemônico, predisposto a operar como embate à concepção hegemônica no que tange à interpretação e às narrativas acerca do período da ditadura civil-militar em circulação na sociedade brasileira.

À luz do pensamento de Hall (2011), exposto no clássico artigo “Codificação/Decodificação” de 1973, isso significa que também os discursos do Memorial da Resistência não são totalmente abertos, mas sim estruturas textuais com determinada organização sintática e semântica que são elaboradas por sujeitos inseridos em determinados contextos sociais e que na produção discursiva objetivam uma determinada leitura por parte de seus interlocutores.

Não obstante o caráter dialógico do Memorial da Resistência, existe uma leitura preferida de seus discursos, qual seja: uma interpretação que privilegie o ponto de vista das vítimas, dos dominados e excluídos, que ilumine as múltiplas dimensões de repressão e controle por parte do Estado durante a República brasileira, mais especificamente durante a ditadura-militar, bem como ilumine a dimensão de resistência por parte de diversos grupos e agentes históricos e, nesse caminho, contribua para



mobilizar sentidos voltados para a construção de uma cidadania ativa e de valorização dos direitos democráticos e humanos em nossa sociedade.

Em contrapartida, a recepção envolve a subjetividade dos professores e alunos que leem os discursos do Memorial conforme suas trajetórias sociais e formações ideológicas — conforme suas mediações.

Hall (2011, p. 393-395) propõe três posições ideais-típicas acerca do processo de decodificação: 1) decodificação preferencial; 2) decodificação de oposição e 3) decodificação negociada. Na decodificação preferencial ocorre a correspondência mais ou menos perfeita entre a leitura e o modo de preferência do texto. Já a decodificação de oposição é o oposto da preferencial e implica o não entendimento da mensagem, ou, como ocorre na maioria das vezes, a produção de sentido oposta do que foi preferido. A decodificação negociada está situada entre a posição preferencial e a posição negociada e corresponde ao que ocorre na maioria dos casos. Nessa, há uma “mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições [preferenciais] ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras” (HALL, 2011, p.379).

### **1.1 A leitura dos alunos**

Nos dois pares analíticos, nas quatro escolas contempladas por nossa pesquisa, a leitura dos alunos foi consonante com a leitura preferencial do Memorial da Resistência. Tanto durante as visitas que acompanhamos quanto nos discursos após as visitas, não identificamos, nos alunos do primeiro par analítico, leituras de oposição, e só em casos esparsos pudemos notar alguns discursos negociados.

A mesma situação pôde ser observada nos alunos do segundo par analítico, nos grupos focais que acompanhamos após a recepção dos três vídeos.

Esses resultados vão de encontro à nossa hipótese de pesquisa de que apareceriam, em alguma medida, discursos dissonantes ao sentido preferido pelo Memorial — decodificações de oposição: antes de nos lançarmos ao campo, supúnhamos que surgiriam discursos consonantes aos discursos hegemônicos sobre a ditadura civil-militar, produzidos e comunicados pelos meios de comunicação, conforme assinalado pela literatura acadêmica. No entanto, os discursos dos alunos apontam para a produção de sentidos progressistas (contra hegemônicos).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Grosso modo, a recepção de oposição reside no desinteresse dos alunos em prestar atenção ao discurso do Memorial e/ou do professor.

## 1.2 A leitura dos professores

A despeito de realizarem uma leitura consonante com o discurso da instituição, os professores indicam um certo pessimismo em relação ao futuro democrático brasileiro. Ao mencionar a falta de memória crítica sobre a ditadura, o professor de História da escola particular (Perdizes) se refere ao perigo de os horrores da ditadura se repetirem ao mencionar o deputado federal pelo Partido Progressista (PP) do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro: *veja só...Bolsonaro tem vinte por cento das intenções de voto para presidente.*

Os discursos dos professores dialogam com as vozes presentes nos atuais grupos de esquerda acerca dos perigos à manutenção da democracia e dos direitos civis e humanos. Ao ressignificaram os discursos do Memorial produzem sentidos vinculados aos debates e lutas que atravessam o conturbado cenário político contemporâneo. O passado é lido como um elemento residual que ameaça o presente e o futuro brasileiro. Persistem nas práticas e discursos hegemônicos no Brasil, segundo a leitura deles, elementos conservadores que impedem o desenvolvimento de uma cultura democrática e cidadã. Nesse sentido, o corte temporal entre o passado e o presente não existe, segundo a leitura dos professores.

A despeito de realizarem uma leitura consonante com o discurso do Memorial, no que tange à crítica à ditadura e à valorização dos resistentes, os professores, tirando a professora de História da escola particular (Vila Olímpia), fizeram algumas críticas ao discurso da instituição museológica. Nesse âmbito, consideramos que a leitura dos professores foi negociada em relação ao sentido preferido pelo Memorial da Resistência.

O ponto central dessas críticas reside em torno da interpretação de que o Memorial não é bem-sucedido em comunicar as materialidades da violência estatal e dos aparatos de controle e repressão. Aqui, os professores assinalaram algumas lacunas no discurso do Memorial como a não menção à repressão e morte dos indígenas durante a ditadura (professor escola particular, Perdizes), como a falta de *esclarecimentos mais detalhados sobre a participação dos empresários, principalmente a FIESP*



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(professor, escola pública, Jaguaré) ou como esquecimento sobre os pontos de continuidade entre a ditadura e nosso cotidiano (professor escola pública, Perus)

A respeito dessa questão de continuidade, o professor da escola de Perus dissertou sobre o aparato de repressão durante a ditadura, sempre fazendo referências à permanência do aparato repressivo nos dias de hoje (por meio, sobretudo, da polícia militar). Nesse contexto, o professor equiparou esses agentes da repressão durante a ditadura — incluindo nesse campo diversos agentes da sociedade civil como a imprensa, diversos políticos, empresários e a classe média — aos grupos dominantes de hoje, com especial destaque à *grande mídia* e os políticos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). A partir dessa leitura, o professor criticou bastante o Memorial da Resistência que, a seu ver, silencia a respeito da repressão sistemática realizada pelo governo estadual de São Paulo e sobre o papel das classes dominantes na manutenção das desigualdades sociais.

O sentido contra hegemônico em relação à ditadura presente nas falas dos professores pôde ser encontrado na sala de aula. Nas duas escolas que acompanhamos as aulas (nono ano, primeiro par analítico), os discursos dos professores não encontraram oposição por parte dos alunos. O sentido de condenação da ditadura, bem como de valoração positiva das lutas de resistência, esteve presente no diálogo entre professores e alunos.

## **2. A (re) produção de sentidos sobre os governos autoritários do Brasil republicano**

### **O edifício e suas memórias**

Conforme pudemos acompanhar na visita da escola pública de nono ano (Jaguaré), à exposição permanente do Memorial da Resistência de São Paulo, notamos um aprofundado trabalho de exposição da história do edifício que abriga o Memorial da Resistência, por parte da educadora da instituição.

Logo no primeiro módulo, no qual está situada a Linha do Tempo sobre a história da república brasileira, a educadora falou, primeiramente, sobre a repressão às greves do início da República brasileira. Nesse contexto, a educadora explicou sobre a fundação do DEOPS e a sua função de controle social, contextualizando a partir de um panorama sobre a política brasileira da República Velha, dominada pelas oligarquias. O tom do discurso era assinalar a questão de manutenção de privilégios na sociedade brasileira, tanto do passado quanto atualmente.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O efeito de sentido pretendido pela educadora era o de assinalar os pontos em comum entre o passado e o presente de nossa história, buscando nos fatos históricos o potencial de iluminar aspectos da política contemporânea.

Ao buscar relacionar os fatos passados com questões cotidianas atuais, a educadora fez um trabalho de mediação da Linha do Tempo que não seguiu a ordem cronológica. De forma dinâmica, a educadora transitou de um período a outro, fazendo cruzamentos e saltos temporais, tanto para frente quanto para trás. Assim, desde a breve exposição sobre os movimentos estudantis na década de 1970, passando pelos movimentos feministas contemporâneos, a educadora voltou para 1940 ao explicar a relação entre o Estado Novo e a transferência, nesse ano, do DEOPS/SP para o prédio que abriga o Memorial da Resistência.

Ao falar da transferência do DEOPS/SP para aquele edifício, a educadora passou a falar dos fichamentos dos imigrantes, prática regular do Estado Novo, do nacionalismo da Era Vargas, bem como do controle dos trabalhadores e dos sindicatos por parte do governo federal.

### **Getúlio Vargas e o Estado Novo**

Na visita da escola pública (Jaguaré) ao Memorial da Resistência, a educadora da instituição, ao falar sobre o Estado Novo (1937-1945), assinalou que os direitos trabalhistas não foram dados, *como um presente*, por Getúlio Vargas, mas sim foram frutos de anos de luta por parte dos movimentos trabalhadores. Nesse ponto, dialogou de forma implícita com a noção de “resistência” — uma das categorias que sustentam o discurso do Memorial, ao lado das noções de “controle” e “repressão”. Quer dizer, a educadora ao buscar iluminar o fato de que a história é constituída e se constitui através de disputas, nas quais jogam importante papel a luta dos movimentos sociais, tentou produzir um efeito de sentido que ampliasse a noção de resistência, compreendida como a participação dos sujeitos na definição dos rumos da história, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária:

*Vargas não concedeu os direitos. Direitos não são dados. São conquistados por vocês: a ciclofaixa, ciclovia...* (Educadora do Memorial)



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Aqui, o professor interveio e assinalou a seus alunos o fato de que a assinatura da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) serviu para Vargas se colocar como “pai dos pobres” e, assim, reforçar seu poder. O professor também acrescentou que só uma pequena parte da população brasileira teve acesso a esses direitos, e deu como exemplo a questão dos trabalhadores domésticos que só obtiveram direitos trabalhistas muito recentemente.

Compreendemos que tanto o discurso da educadora quanto o do professor tendem a produzir sentidos contra hegemônicos (progressistas) na medida em que, ao criticarem a história e memória oficial que concebe Vargas como governante paternal, iluminam a ação das classes subalternas na construção de nossa história.

Já o professor da escola pública (Perus), ao ser indagado sobre o governo de Getúlio Vargas, após a recepção do vídeo institucional do Memorial, foi mais além na condenação do regime varguista: para ele, o governo Vargas foi um *estado fascista*, embora a narrativa hegemônica, a seu ver, não ressalte isso.

O professor de Perus menciona a perseguição a comunistas, a xenofobia e a perseguição aos judeus existentes durante os anos de governo de Vargas, estabelecendo a articulação entre esses elementos e o DEOPS/SP.

Em contrapartida, o professor da escola particular (Perdizes), a despeito de ter mencionado o fato de Vargas ter estabelecido em uma parte de seu governo uma ditadura, argumentou que a narrativa de seu governo é mais problemática do que a narrativa da ditadura militar. Segundo interpreta o professor, é difícil estabelecer um paralelo entre a ditadura militar e Vargas, porque este foi um governo com diversas fases, *tendo sido eleito democraticamente em 1950 e tendo participado da derrubada da oligarquia cafeeicultora em 1930* — movimento que, apesar de alguns identificarem como golpe, diz o professor, pode ser considerado, como uma *revolução*, uma vez que destituiu do poder um grupo corrupto e antidemocrático.

Nesse sentido, os professores (pública, Perus; particular Perdizes) indicam valorações distintas acerca de Getúlio Vargas: o discurso do professor de Perus ao conceber o governo varguista como fascista produz um sentido de condenação moral desse governo que não dá margem de relativização de seu caráter controlador e repressivo. Já o discurso do professor de Perdizes, ao fazer menção ao caráter revolucionário de 1930, bem como da luta de Vargas a favor dos interesses nacionais durante





**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

sua presidência democrática, tende a produzir um sentido que legitima em certa medida o autoritarismo e arbitrariedade do Estado Novo. Essa leitura, compreendemos, a despeito de iluminar a complexidade da história, pode recair numa linha de argumento análoga ao argumento dos militares acerca da ditadura, condenada pelo professor: a de que na luta contra um “mal” maior, a ruptura com a ordem legal e democrática é justificada. Vargas contra a oligarquia e contra o imperialismo; militares contra comunistas.

### A “Era Vargas” na voz dos alunos

Após a recepção do vídeo institucional do Memorial, os alunos da escola pública (Perus) responderam sobre suas percepções e valorações acerca do governo de Getúlio Vargas. Em linhas gerais, os discursos foram ambivalentes em relação à valoração desse período histórico: os alunos tinham certa consciência de que durante o governo Vargas houve um governo autoritário ao mesmo tempo que mencionaram “coisas boas” *criadas* por Vargas como as leis trabalhistas e a Petrobrás. Esses discursos ecoavam não só vozes presentes usualmente nas aulas de História, mas também vozes que os alunos se apropriaram ao longo de sua trajetória, na escola e fora dela (provavelmente na mídia e na família).

A memória discursiva sobre Vargas, em ampla circulação em nossa sociedade, também esteve presente no grupo da escola particular (Perdizes). O sentido dos discursos evocou a dimensão positiva do governante, evidenciando toda a série de não-ditos que sustentam a imagem de Vargas: “pai-dos-pobres”, “nacionalista”, “líder”, “direitos trabalhistas”, “industrialização”. Por outro lado, a exposição do vídeo institucional amparada pela exposição do pesquisador, tensionou, de certa maneira, a percepção de um dos alunos, que mencionou não saber que durante o governo Vargas havia tanto controle e repressão. Já os outros indicaram saber da repressão Vargas e das características gerais do Estado Novo (1937-1945), havendo uma aluna que mencionou o escritor Graciliano Ramos e seu livro “Memórias do Cárcere”, publicado em 1953.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **As lutas de resistência à ditadura civil-militar**

Na primeira aula após a visita ao Memorial da Resistência a professora da escola particular, nono ano, Vila Olímpia, realizou uma exposição sobre a função política do DEOPS. A professora assinalou que a função do DEOPS não era a de julgar, mas sim de controlar as pessoas. Retomou a história do DEOPS, apontando o contexto de sua criação e sua função durante a Era Vargas, sobretudo no que diz respeito ao controle dos imigrantes e no controle dos movimentos considerados subversivos. Nesse ponto há uma consonância da fala da professora com a fala dos educadores do Memorial: em ambos os discursos é assinalado o papel do DEOPS no controle aos movimentos operários e aos grupos anarquistas.

A partir da referência ao Doi-Codi, um dos lugares de memória trabalhados pelos alunos, a professora assinalou a questão de arbitrariedade da lei, da questão dos sequestros, e dos desaparecimentos e mortes durante a ditadura. Aqui, novamente, há um importante ponto de consonância com o discurso expositivo do Memorial, que em diversos momentos busca obter um efeito de sentido que evidencie a questão da falta de legalidade das prisões durante a ditadura.

Esse discurso está presente também na voz do professor da escola pública, nono ano, Jaguaré, que tanto na visita quanto na aula buscou iluminar para seus alunos a dimensão arbitrária da repressão e controle durante a ditadura.

Compreendemos que as falas de ambos os professores visam a instaurar uma materialidade discursiva que vá de encontro ao sentido hegemônico de que os presos políticos eram “criminosos”. Ao explicitarem o contexto histórico, bem como o papel e modo funcionamento do DEOPS e do Doi-Codi, os professores e o Memorial desvelam os sentidos alinhados ao termo “crime político” e, assim, intentam desconstruir a relação semântica entre aqueles que lutaram contra a ditadura e o termo “criminoso”, carregado de semas negativos como “marginal”, “mau-caráter”, “bandido”. Em outras palavras, os professores iluminam o fato de que as prisões durante a ditadura se encaixam num contexto político autoritário e arbitrário e de que as lutas contra a ditadura eram legítimas porque políticas: estavam voltadas para a construção da democracia.

Nesse quadro, o diálogo com os alunos é voltado para a conscientização e sensibilização de uma cultura democrática. Joga papel importante nesse diálogo a noção de direitos humanos e direitos



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

civis. Assim, a democracia é revestida de sentidos relacionados ao “direito de defesa” (inexistente no caso do Doi-Codi e da Auditoria Militar); aos “direitos humanos” e sua violação através da tortura e prisões, e ao “direito à liberdade”.

### **Controle e repressão: o cotidiano nas celas do DEOPS/SP**

Durante nossa observação da visita da escola de nono ano da escola pública (Jaguaré), pudemos notar que o que chamou primeiramente a atenção dos alunos foram as inscrições nas paredes, contendo o nome de ex-presos políticos, de pessoas que combateram a ditadura, daqueles que morreram e desapareceram, bem como nome de organizações, como ALN, MR-8, entre outras inscrições, características de um espaço prisional. Num misto de assombro e estranhamento, os alunos indagaram se aquela cela é real ou se foi reconstruída. O fascínio deles indica uma certa confusão entre realidade e ficção, confusão esta que parece aumentar ainda mais o interesse deles.

Da mesma forma que a maioria dos visitantes, quando entram nesta cela, os alunos passam a procurar o nome de pessoas famosas, sendo o principal o nome de Dilma Rousseff — que os alunos sabem, de antemão, foi uma figura importante da resistência, presa e torturada. Uma aluna pergunta se as inscrições são originais e um de seus colegas fala que na primeira cela é mostrado que elas foram recolocadas; enquanto isso o professor vai identificando nas inscrições alguns nomes de ex-presos, como Ivan Seixas, e de movimentos de resistência, como Ação Popular, e os comenta com o pesquisador. O professor demonstra um profundo conhecimento do contexto e dos sujeitos envolvidos na resistência à ditadura.

Alguns alunos fazem perguntas para o professor acerca dos nomes presentes nas celas. Querem saber quem são aquelas pessoas e se elas morreram durante a ditadura. Para um grupo de cinco alunos, o professor explica brevemente o que foi a guerrilha do Araguaia.

Dando sequência à condução da visita, a educadora do Memorial indaga aos alunos o porquê de terem escrito nas paredes da cela. Os alunos não sabem responder. O professor intervém: para registrar que aqui é um lugar de memória e de resistência e a educadora completa: a parede é uma testemunha dos crimes que aconteceram: sequestro, tortura, assassinato.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em seguida, a articulação entre memória, justiça e produção de conhecimento (verdade), um dos eixos fundamentais das instituições memoriais que tratam de acontecimentos de sistemática violação dos direitos humanos, é trabalhada pela educadora que explica que os ex-presos políticos ao escreverem nas paredes estavam buscando denunciar os crimes de Estado. Porém, prossegue a educadora em sua exposição: apagaram a história. Lembram da foto da cela de 1994? Lembram da maquete? Então... hoje não tem mais a sala de tortura... vocês sabem o que é tortura? Ela existe hoje (Educadora)

Após a visita, pedimos que os alunos do primeiro par analítico (nono ano: pública, Jaguaré; privada: Vila Olímpia) escrevessem brevemente suas impressões sobre o Memorial da Resistência. Em linhas gerais, compreendemos que os alunos indicaram terem se apropriado do conhecimento de que o prédio em que o Memorial da Resistência está localizado abrigou a Delegacia de Ordem Social e Política do Estado de São Paulo — DEOPS/SP. Nesse contexto, os alunos indicaram o conhecimento de que aquele espaço foi um lugar de repressão. Um espaço de tortura, morte e violência, conforme podemos notar nas falas de alguns alunos da escola pública:

*[Nas celas] soubemos de toda a história do local como as atrocidades que os presos sofreram, as humilhações e vivências* (Fabiana, aluna escola pública, Jaguaré, nono ano).

*Por todo o museu nos colocamos a pensar e refletir sobre as tragédias ocorridas no tempo da ditadura* (Gustavo, aluno escola pública, Jaguaré, nono ano).

De acordo com todos os relatos do vídeo, nenhum direito foi respeitado, as torturas eram rígidas e cruéis e marcaram profundamente os sobreviventes que foram discriminados, sequestrados de suas famílias e tratados sem nenhuma dignidade (Andrea, aluno escola pública, nono ano).

Essa leitura da ditadura e da história do espaço do Memorial esteve bastante presente no discurso dos alunos do nono ano da escola particular (Vila Olímpia). Em sala de aula, principalmente nas apresentações dos minidocumentários, os alunos falaram das torturas, prisões e mortes ocorridas no antigo espaço do DEOPS/SP.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Nesse contexto é importante assinalar que na fala dos alunos houve uma dominância do enfoque em torno à repressão durante a ditadura. Aqui, a resistência ocupou um lugar secundário. Grande parte dos discursos esteve voltado para a questão da tortura e das prisões. Mesmo no caso dos vídeos de testemunho dos ex-presos políticos, na recepção provocada (segundo par analítico), os alunos ressaltaram a questão da violência e da prisão arbitrária em detrimento de uma leitura voltada para a dimensão de luta e resistência contra a ditadura por parte dos ex-presos.

Em linhas gerais, podemos dizer que os discursos estiveram mais concentrados nos processos e estruturas de dominação que atravessam nossa história do que na questão do combate a esses processos e estruturas, logo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária — algo singular em se tratando da recepção dos discursos de um memorial da Resistência.

### **A impunidade aos assassinos e torturadores**

Esteve presente de forma substantiva na fala dos professores a questão da impunidade aos assassinos e aos torturadores. Esse discurso está em consonância com a os efeitos de sentidos pretendidos pelo Memorial da Resistência: durante a exposição os educadores, conforme pudemos observar nas visitas de diferentes públicos, insistentemente marcam para seus interlocutores a questão ambígua e problemática da Lei de Anistia de 1979, que, por garantir perdão aos crimes políticos e conexos, implica a impunidade dos agentes de repressão e controle da ditadura civil-militar.

Nesse âmbito, grande parte dos discursos dos professores residiu na comparação entre o caso brasileiro e os casos do Chile e da Argentina, nos quais, ao contrário daqui, como nos relataram os professores, houve um debate pública amplo e a condenação dos responsáveis pelos horrores dos governos ditatoriais.

Por outro lado, a enorme maioria dos alunos desconhecia a questão da impunidade. Quando informados pelos professores e/ou educadores do Memorial a respeito disso, demonstraram grande espanto.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Considerações finais

Nossa postura acerca dos processos comunicacionais envolve contemplar como os sentidos sociais emergem da sociedade e a ela se destinam. Fundamentalmente dialética e dialógica, essa leitura, ao contemplar a articulação entre processos e estruturas e a produção de sentidos a partir do encontro entre o polo produtor e o polo receptor, está interessada em compreender e explicar como os significados são incorporados no cotidiano dos sujeitos, gerando, assim, ações transformadoras.

No caso específico de nossa pesquisa, envolve compreender como o processo de recepção do discurso produzidos pelo Memorial da Resistência são incorporados ao cotidiano de alunos e professores, contribuindo para a constituição de uma cultura da memória coletiva sobre a ditadura civil-militar que opere na constituição de uma sociedade verdadeiramente democrática e cidadã.

Entretanto, em nossos propósitos, nos deparamos com uma delicada questão metodológica: nossa pesquisa de recepção, assim como o corpo de pesquisas de recepção, abarca apenas um momento pontual de relação entre o receptor e o polo emissor. Grosso modo, envolve a compreensão da atividade de ressignificação dos discursos recebidos, mas não a apropriação desses sentidos e a transformação que essa gera nos sujeitos, na cultura e nas estruturas sociais.

Um estudo abrangente e que contemple a mobilização de sentidos no processo de recepção implica, pelo menos, uma pesquisa de acompanhamento do cotidiano e das práticas dos sujeitos receptores contemplados.

Em outras palavras: a recepção é um processo contínuo de (re) produção dos sentidos sociais. Seu lugar epistemológico-metodológico é o cotidiano dos sujeitos que (re) significam seus universos sociais e continuamente (re) produzem a cultura (MARTÍN-BARBERO, 2005; 2004).

A recepção dos discursos do Memorial da Resistência antecede e sucede o momento pontual de nossa coleta e análise. Para dar conta de um âmbito mais amplo da relação comunicativa, buscamos, na sequência de nossa pesquisa, iluminar as mediações comunicativas da cultura que incidem no processo de ressignificação e de apropriação dos discursos do Memorial da Resistência.

Nessa linha, abrimos mão de duas dimensões que emergiram em nossa pesquisa de campo e, a partir do referencial teórico, por nós adotado, nos chamou especial atenção.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Assim, emergem duas questões delineadas pelo campo da História acerca das memórias coletivas e das narrativas históricas referentes aos períodos traumáticos e de sistemática violação dos direitos humanos (HUYSSSEN, 2014; SELIGMANN-SILVA, 2013): (1) a dimensão da percepção temporal acerca dos pontos de continuidade e/ou rupturas entre o passado ditatorial e o presente e (2) a dimensão sobre a inter-relação entre conhecimento histórico, ideologia e sensibilidade.

Compreendemos que essas duas dimensões são especialmente importantes, tendo em vista o mapeamento das relações entre sentidos, mediações e práxis cotidiana no âmbito de recepção do discurso do Memorial da Resistência de São Paulo.

Em outras palavras: ambas, as mediações e as duas dimensões, servem para, mesmo que em caráter pontual, indicarmos alguns pontos de articulação entre os sentidos que emergiram na pesquisa de recepção com o contexto sócio histórico de produção, circulação e recepção dos discursos do Memorial da Resistência de São Paulo.

## Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. **Animus. Revista interamericana de comunicação midiática**, Santa Maria (RS), v. 8, n.15, p. 107-122. jan. /jun. 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Representação, 2011.

HUYSSSEN, Andreas. **Políticas de memória no nosso tempo**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo, Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Antimonumentos: trabalho de memória e de resistência. **Trivium- Estudos Interdisciplinares**, Rio de Janeiro, n.1, p.41-53, 2013.